

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

MURIEL CRISTINA ASSMANN

**O DESLOCAMENTO-À-ESQUERDA EM FRANCÊS ESCRITO
(UMA COMPARAÇÃO COM O FRANCÊS FALADO)**

PORTO ALEGRE

2011

MURIEL CRISTINA ASSMANN

**O DESLOCAMENTO-À-ESQUERDA EM FRANCÊS ESCRITO
(UMA COMPARAÇÃO COM O FRANCÊS FALADO)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciada em Letras pela
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio de Moura
Menuzzi

PORTO ALEGRE

2011

MURIEL CRISTINA ASSMANN

**O DESLOCAMENTO-À-ESQUERDA EM FRANCÊS ESCRITO
(UMA COMPARAÇÃO COM O FRANCÊS FALADO)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciada em Letras
pela Universidade Federal do Rio Grande
do Sul.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rosa Maria de Oliveira Graça

Profa. Dra. Sabrina Pereira de Abreu

PORTO ALEGRE

2011

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço aos meus pais, pelo apoio incondicional e por me fazerem acreditar que há pessoas por mim nesse mundo; ao Thiago, por ter me trazido tanta alegria, empolgação e força de vontade para ter chegado até onde cheguei (uma lição de vida); à minha grande mentora, professora Rosa Maria de Oliveira Graça, que sem a ajuda eu não estaria onde estou agora; ao meu orientador, Sérgio Menuzzi, por ser uma pessoa tão inteligente, prestativa e um mestre incomparável; aos meus grandes amigos: Juliana, Lucas, Vanessa, Carina, Daniela e Nicolás, sem os quais eu não teria a diversão e o apoio com os quais vivi esses anos todos em Porto Alegre; especialmente a minha amiga incondicional Francine Trevisan, parceira incansável para todas as horas e situações; as minhas queridas colegas de profissão e também amigas Daniele Cunha e Gabriela Jacoby, com as quais aprendo muito; e ao meu querido colega de quarto, Cristian Luís Schaeffer, que me fez ver como pode ser simples e divertido dividir um espaço de 8 m² com alguém.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar construções de deslocamento-à-esquerda (DE) em francês escrito, em comparação com o francês falado. Para isso, baseamo-nos no trabalho de Betsy Barnes de 1986, que investiga um *corpus* de francês falado *standard*, e em nosso *corpus*, composto pelas cinquenta primeiras ocorrências de DE encontradas nos livros *L'Amant*, de Marguerite Duras, e *Diego e Frida*, de Le Clézio. Tendo como aporte teórico as obras de Givón (1993) e Lambrecht (1981) principalmente, pudemos esboçar alguns resultados dessa comparação. O primeiro deles é que, embora considerado um fenômeno da fala, o DE ocorre também na língua escrita, especialmente exercendo uma função de ênfase e de troca de cadeia temática. O segundo resultado importante, já referido pelo gramático Grevisse em seu *Bon Usage* (edição de 1969), é que construções de sintagmas lexicais deslocados à esquerda, quando retomados pelo pronome *ce* acompanhado pelo verbo *être*, estão em processo de incorporação à gramática *standard*, isto é, sendo naturalmente aceitas na língua escrita.

Palavras-chave: Deslocamento-à-esquerda. Tópico. Sintaxe Funcional. Betsy Barnes. Francês falado *standard*. Francês escrito.

RÉSUMÉ

Ce travail a pour objectif d'analyser des constructions de dislocation-à-gauche en français écrit en comparaison avec le français parlé. Pour le faire, nous avons eu comme base le travail de Betsy Barnes de 1986, pour le *corpus* de français parlé, et notre *corpus*, composé par les cinquante premières apparitions de DE trouvées dans les *L'Amant*, de Marguerite Duras, et *Diego et Frida*, de Le Clézio. Ayant comme apport théorique spécialement les oeuvres de Givón (1993) et Lambrecht (1981), nous avons pu esquisser quelques résultats de cette comparaison. Premièrement, bien qu'il soit considéré comme un phénomène de la parole, la dislocation-à-gauche se produit aussi dans la langue écrite, spécialement avec la fonction d'émphase et d'échange de chaîne thématique. Deuxièmement, déjà mentionnée par le grammairien Grevisse sur son *Bon Usage* (édition de 1969), les constructions de noms disloquées à gauche reprises par le pronom *ce* suivi par le verbe *être* sont en processus d'*incorporation* à la grammaire *standard*, c'est-à-dire elles deviennent de plus en plus acceptées dans le langage écrit.

Mots-clé: dislocation-à-gauche. Thème. Syntaxe Fonctionnelle. Betsy Barnes. Français parlé standard. Français écrit.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição dos NPs Deslocados por Tipo e Anáfora.....	30
Tabela 2 - Distribuição das Formas Anafóricas na Função de Sujeito.....	31
Tabela 3 - Status informacional de DE lexicais com sujeitos anafóricos.....	40
Tabela 4 - Análise do <i>Corpus</i> Escrito.....	42

LISTA DE ABREVIATURAS

CL - clivagem

DE - deslocamento-à-esquerda

NP - sintagma nominal

S - sentença

SA - sentença adjetiva

TC - topicalização contrastiva

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 CONCEITOS BÁSICOS SOBRE TOPICALIZAÇÃO.....	11
1.1 TOPICALIZAÇÃO CONTRASTIVA E CLIVAGEM	15
1.2 DESLOCAMENTO-À-ESQUERDA.....	17
2 O DESLOCAMENTO-À-ESQUERDA EM GRAMÁTICAS FRANCESAS DE REFERÊNCIA.....	21
3 BREVE DESCRIÇÃO DA ANÁLISE DE BETSY BARNES.....	30
3.1 DESLOCAMENTOS PRONOMINAIS	31
3.1.1 Uso dos pronomes pessoais de primeira pessoa: <i>moi, nous</i>	31
3.1.2 Pronomes não pessoais: <i>ça</i>	34
3.2 DESLOCAMENTOS LEXICAIS	36
3.2.1 Com anáfora não pessoal	36
3.2.1.1 NP <i>c'est</i>	36
3.2.1.2 NP <i>ça</i> V.....	38
3.2.2 Com anáfora pessoal: NP <i>il/ elle</i>.....	39
4 ANÁLISE DO <i>CORPUS</i> ESCRITO COLETADO.....	42
4.1 DESLOCAMENTOS PRONOMINAIS	44
4.2 DESLOCAMENTOS LEXICAIS	45
4.2.1 Retomada no objeto direto	46
4.2.2 Retomada no sujeito.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS	55
REFERÊNCIAS DE APOIO.....	57

INTRODUÇÃO

Nesta monografia pretendemos fazer um breve estudo sobre as construções de deslocamento-à-esquerda em francês falado e escrito. Tendo em vista que construções de topicalização (entre elas o deslocamento-à-esquerda) são um fenômeno que caracterizam o discurso falado (cf. Givón 1993), temos como objetivo principal observar como essas construções ocorrem na língua escrita.

No primeiro capítulo, abordamos alguns conceitos básicos de Sintaxe Funcional que serão úteis para o entendimento do trabalho que virá a seguir. Nesse capítulo, vemos algumas construções de topicalização, e mostramos exemplos dos diferentes processos de que o falante pode fazer uso para topicalizar um elemento no seu discurso. Entre esses processos, vamos nos deter especialmente no deslocamento-à-esquerda (DE) – quando trazemos um elemento para a periferia esquerda da frase e ele é retomado posteriormente por algum tipo de anáfora.

No segundo capítulo apresentamos uma breve análise de algumas gramáticas francesas de referência, ou seja, as mais conhecidas e mais difundidas hoje em dia. Buscamos verificar em cada uma delas como o DE (ou a topicalização) é interpretado, isto é, se os gramáticos o vêem como uma característica somente da fala, ou se o DE já pode ser considerado presente na língua escrita.

No capítulo seguinte temos uma síntese da análise feita por Betsy Barnes em sua obra *The Pragmatics of Left Detachment in Spoken Standard French* (1986), baseada em um *corpus* de francês falado. Veremos que Barnes nos oferece um quadro bastante completo de quais construções de DE são as mais usadas na língua falada.

Em seguida, no quarto capítulo, apresentamos e discutimos o *corpus* de francês escrito que selecionamos, retirado dos livros *L'Amant*, de Marguerite Duras e *Deigo et Frida*, de Le Clézio. Nessa parte do trabalho, obtivemos 34 ocorrências de DE (todas as que foram encontradas até a página 50 de cada livro); fazemos, também, uma análise de sua frequência e de sua função na escrita.

Por fim, nas considerações finais, mostramos o resultado da comparação entre as ocorrências de deslocamento-à-esquerda em francês falado com as ocorrências em francês escrito. Embora tenhamos obtido um número muito inferior de ocorrências àquele apresentado

pelo *corpus* utilizado por Barnes, podemos fazer algumas comparações, principalmente em relação a processos que verificamos que apenas encontramos ocorrência na língua oral, como “*ça c’est...*”, e processos que já estão presentes na escrita, como o largo uso de *c’est* para retomar um referente lexical deslocado à esquerda.

Acreditamos ser importante mencionar que nessa monografia não pretendemos fazer uma análise quantitativa das ocorrências de DE, mas sim uma exposição básica e ilustrativa de como esse processo se comporta na escrita. Não podemos, portanto, tomar decisões definitivas, mas apenas expor algumas conclusões às quais chegamos a partir do *corpus* coletado.

1 CONCEITOS BÁSICOS SOBRE TOPICALIZAÇÃO

Tendo este trabalho como objetivo tratar de construções de deslocamento-à-esquerda em francês, acreditamos ser importante expor alguns conceitos básicos de sintaxe funcional que o nortearão. Para fundamentar essas explicações, faremos uso de alguns exemplos em português e também em francês.

Começamos pela função mais discutida em sintaxe funcional: o tópico. Sabe-se que definir em algumas palavras uma função sintática sempre gera problemas e controvérsias; com a noção de tópico – que é uma função discursiva – acontece o mesmo. Acreditamos que a maioria dos lingüistas tenha uma boa idéia do que é um tópico e saiba identificá-lo; o problema é entrarmos em um consenso sobre o melhor modo de caracterizá-lo. Neste primeiro momento tentarei esclarecer (um pouco) dessa noção problemática. Começo com um exemplo “típico”, segundo Pontes (1986, p. 15):

(1) A Vanda eu acho que tá dando aula (PONTES, 1986, p. 16).

Normalmente, o sujeito é o primeiro elemento da sentença. Mas, nesse caso, não há dúvidas de que o sujeito da sentença seja *eu* (uma vez que temos o verbo conjugado de acordo com a primeira pessoa do singular). Categorizamos, então, *a Vanda* como o tópico de (1). Desta forma, alguns autores identificam o tópico como o “elemento que está no início da frase” (por exemplo, Halliday) e assumem que, por ocupar esta posição, este elemento tem uma relação especial com o resto dessa frase – ele é o “assunto” da sentença, o elemento sobre o qual a sentença se faz um “comentário” (PONTES, 1986, p. 17).

É importante ressaltar que muitas vezes o tópico será confundido com o sujeito da sentença porque o sujeito também está (normalmente) no início da frase, e normalmente a frase traz algum comentário a respeito dele. No entanto, segundo Lambrecht (1981, p. 52), “tópicos são sintaticamente independentes do verbo e de sua estrutura semântico-sintática.”¹

¹ A maior parte da bibliografia de referência está em língua estrangeira (inglês e francês), e as traduções que aparecem no presente trabalho foram feitas pela autora do trabalho, sob supervisão do orientador.

Segundo Givón (1993, p. 202), “embora seja gramaticalmente manifestada no nível da S, a topicalização não é funcionalmente um fenômeno do nível da frase, mas preferencialmente um fenômeno do discurso”, ou seja, o que realmente mostra e/ou comprova se um elemento é tópico de uma frase é sua relação com o contexto, com o restante do texto: é apenas no discurso que podemos ter certeza de que um certo constituinte da frase se refere ao “assunto” ou “elemento importante” da sentença *naquele discurso*. Considere o exemplo abaixo:

- (2) **Pão de centeio** eu posso comer pelo resto da vida. **Eles** simplesmente são muito bons e, além disso, dizem que ___ fazem bem porque ___ têm fibras.

Pode-se ver que o referente introduzido por *Pão de centeio* em (2) – o conjunto dos pães de centeio – é o “assunto” do trecho: é o referente sobre o qual se fala nas orações seguintes.

Assim, é por isso que a topicalização é estudada pela área da Sintaxe Funcional, aquela que leva em conta que o falante tem um ouvinte, que o falante faz suas escolhas em relação às informações que acredita que esse ouvinte já tem ou não sobre o assunto em questão, ou seja, ele avalia as representações que o ouvinte possui do assunto do discurso e utiliza esta avaliação para organizar a sentença de modo apropriado.

Nesta perspectiva, o tópico é normalmente considerado como informação velha, ou seja, uma informação que já existe na memória do ouvinte e que agora está sendo reativada (GIVÓN, 1993). Mas vejamos na frase abaixo como esse conceito fica problemático:

- (3) A: Quem ligou?
B: A Maria_i disse que ELA_i ligou (MENUZZI; RODRIGUES, 2010).

Aqui, Maria é o tópico e é ao mesmo tempo informação velha e nova. Isso porque Maria deve fazer parte do grupo de pessoas conhecidas de A e B, ou seja, é um referente que em algum momento já foi mencionado ou acionado pelos dois falantes. O pronome *ela* retoma o tópico, e por isso também é informação velha – o seu referente já foi acionado no começo da frase. No entanto, esse pronome também é uma informação nova, uma vez que o interlocutor A não sabia que foi *Maria* quem ligou (se soubesse, ele não faria a pergunta). Assim, parece que a melhor maneira de caracterizar o tópico é dizer que se trata do referente que é o “assunto” da sentença –

e, embora seja normalmente “informação velha”, pode também ser, em certos contextos, “informação nova”.

Assim, segundo Lambrecht (1981), a função da topicalização, isto é, da operação que desloca um constituinte para a posição inicial da frase, é de “marcar uma mudança (*shift*) em relação ao tópico estabelecido previamente ou, quando nenhum tópico foi estabelecido previamente, criar um novo tópico” (p. 6).

Na verdade, saber se um referente é “novo” ou “velho” é bastante complicado (como já vimos em (3) acima), e por isso preferimos usar o conceito de “evocado” (*evoked*) de Prince (1979). Para um referente ter o status de evocado, ele deve ter sido colocado “no balcão” (*on the counter*) do discurso, e isso pode ocorrer de dois modos: (a) por menção prévia no discurso precedente, ou seja, quando o referente é “textualmente evocado”, como no exemplo abaixo:

- (4) A: J’ai essayé d’aller à la plage hier, mais il faisait trop froid.
 B: **La plage** il faut y aller quand il fait chaud (LAMBRECHT, 1981, p. 64).

(b) um referente pode ser evocado quando é “um aspecto saliente do discurso extralinguístico da frase” (LAMBRECHT, 1981, p. 64), o que Prince (1979) chama de “evocado situacionalmente” (In: LAMBRECHT, 1981, p. 65), como em:

- (5) **Mon portemonnaie** il est devenu lourd (LAMBRECHT, 1981, p. 65).

Em (5) acima, o enunciado ocorre no momento em que o falante paga a conta em um restaurante, e o adjetivo *lourd* se refere ao peso que ficou a bolsa por causa das moedas que ganhou de troco. Assim, o referente expresso por *mon portemonnaie*, embora tenha sido mencionado antes, é facilmente recuperável, pois está inserido entre os referentes salientes no contexto.

Além disso, um referente ainda pode ser (c) “inferível” (*inferrable*), como podemos perceber em (6) abaixo:

- (6) L'air de la ville n'est pas plus mauvais qu'un autre, suffit de le savoir respirer. Et entre nous, la mer, qu'est-ce que c'est? (o falante aponta para um balde de água). C'est ça, mais en plus grand² (LAMBRECHT, 1981, p. 66).

Nesse exemplo, o tópico *la mer* parece surpreendente à primeira vista – não parece associado ao tema do discurso. Na verdade, pode ser tópico ou inferido a partir do referente de *l'air de la ville*. É preciso que o interlocutor faça uma complexa cadeia de associações, algo como: *air de la ville --> mauvais air --> pas l'air de la ville --> bon air --> très bon air --> air de la mer --> la mer*.

Finalmente, segundo Lambrecht:

Usando um tópico, o falante ou anuncia o domínio do seu discurso [no caso do tópico ser dado], ou uma mudança (*shift*) no domínio do discurso [no caso de ser “novo”, como *la mer* em (5)], e expressa o desejo de estabelecer um acordo comunicativo [com o ouvinte] quanto à importância do referente do tópico para o discurso [...] Tópicos devem ser ou *dados*, ou devem ser (linguística ou situacionalmente) *evocados* ou *inferidos*, nos sentidos definidos por Prince (1981, p. 66).

Além disso, uma das características importantes de construções de tópico é que elas ocorrem em contextos em que há alguma expectativa ou pressuposição acerca de certos referentes. Essa propriedade é observada principalmente em construções em que há contraste ou ênfase, como veremos a seguir.

² É importante mencionar que o contexto é essencial para que associação do exemplo (6) aconteça. Se não fosse mencionado no segmento que o falante “aponta para um balde de água”, provavelmente faríamos uma outra associação (acreditamos que ocorre mais naturalmente uma relação do ar da cidade versus o ar do campo, e não do mar.)

1.1 TOPICALIZAÇÃO CONTRASTIVA E CLIVAGEM

Entre os processos de sinalização sintática do tópico na frase, temos um muito interessante conhecido como “topicalização contrastiva” (TC). Segue um exemplo para que possamos analisar esse tipo de construção:

(7) A Joana gosta muito do Pedro. O MÁRCIO³ ela não suporta.

Na S acima, faz-se um contraste (uma comparação) entre a opinião de Joana sobre duas pessoas diferentes: Pedro e Márcio. Primeiramente, é relevante lembrarmos que esse tipo de S é totalmente baseada na expectativa que o falante procura gerar a partir das informações que acredita que o seu interlocutor já tem. Dessa forma, ao enunciar (7), o falante crê que o interlocutor sabe quem são essas três pessoas evocadas na sentença, e que lhe interessa obter alguma informação sobre elas – especialmente, em obter informação da relação que Joana tem com Pedro e, por comparação – por “contraste” – com Márcio. De fato, é o contraste que permite o uso da construção: na ausência da sentença precedente sobre a relação de Joana com Pedro, a topicalização na sentença sobre a relação entre Joana e Márcio ficaria “fora de contexto” – isto é, parece que, para ser bem interpretada, essa frase pediria a evocação de uma comparação.

Isso dito, para “contrastarmos” dois elementos de uma S também temos uma outra opção de construção: a clivagem (CL). A clivagem apresenta a estrutura *É/Foi X que...* Podemos observar um exemplo na frase abaixo:

(8) Joana se dá bem com Pedro. É o Márcio que ela não suporta.

A frase (8) pode nos dar a impressão de ser igual a (7), mas, se a analisamos com cuidado, veremos que ela ocorre em um contexto diferente. Quando usamos uma S clivada em nosso discurso, é porque assumimos uma pressuposição, ou seja, uma informação em comum que o falante tem com seu interlocutor, uma informação da qual eles já partilham – embora não

³ Segmentos em maiúscula significam acentuação.

necessariamente creiam nela. Assim, no caso de (8), podemos imaginar que o interlocutor fez uma pergunta como: *Me disseram que a Joana vive brigando com o Pedro. É verdade?*.

Comparando os dois processos (TC e CL), afirmamos que uma característica os dois têm em comum: trazer informação nova sobre um referente conhecido – mas que pode ainda não estar ativo no discurso em questão. Fora isso, vemos algumas diferenças. Na TC, o falante trata de uma lista de pessoas que esperamos que tenham similaridades (GIVÓN, 1993); e é em cima de expectativas sobre estas similaridades que acontece o contraste – quando, por exemplo, uma dessas informações destoa das outras, como em (7). É importante observar que, no uso da TC, não há oposição direta a uma pressuposição do interlocutor. No caso de (7), não há por que presumir que o discurso se dirige a corrigir a opinião do ouvinte de que Joana não suportaria Pedro.

Já na CL, temos um contexto diferente: além de o falante compartilhar uma pressuposição com seu ouvinte, *a S clivada vai contra as expectativas do interlocutor*. É o que Lambrecht (1981) chama de “frase enfática”, na qual “enfaticamos” um dos elementos, e não apenas comparamos. Observemos os exemplos a seguir (adaptados de Givón, 1993).

- (9) A: Quem a Maria vai encontrar hoje no cinema? O Paulo?
 B: Não, é o João que a Maria vai encontrar... [CL]
 B: ? Não, o JOÃO a Maria vai encontrar hoje... [TC]

Ou seja, quando o interlocutor tem a intenção de ir contra às expectativas do ouvinte, ele vai usar uma construção clivada, como na primeira resposta de B acima. Podemos, inclusive, acrescentar uma negação na sequência da frase: *Não, é o João que Maria vai encontrar hoje, e não o Paulo!* Já quando o falante quiser introduzir um novo assunto, sem contrariar qualquer expectativa, ele não vai usar esse tipo de S:

- (10) a. Vamos falar sobre amor hoje.
 b. ? É sobre amor de que vamos falar hoje.

A frase (10a) pode ser utilizada para iniciar um discurso. Mas, para usarmos a frase (10b), ela deveria estar em um contexto contrastivo, por exemplo: vinha-se falando entre a relação entre amor e sexualidade, e *é sobre amor que vamos falar hoje*.

O processo de deslocar um elemento à esquerda é o que caracteriza a topicalização (como vimos na parte 1.1, o tópico quase sempre ocupa a posição de sujeito, ou seja, à esquerda da frase). A topicalização contrastiva e a clivagem obedecem a essa “regra”, ou seja, nessas construções estamos colocando elementos à esquerda da S. O que, então, teria de diferente um processo chamado de “Deslocamento-à-Esquerda”? Seguindo os pressupostos que vimos adotando até aqui, a resposta lógica é em relação à sua função: o deslocamento-à-esquerda (DE) tem uma função diferente dos dois outros tipos de construção analisadas. Vejamos na subseção a seguir algumas considerações sobre essas construções.

1.2 DESLOCAMENTO-À-ESQUERDA

Analisemos as frases abaixo (adaptadas de Givón, 1993):

- (11) a. Maria se dá bem com Paulo; O JOÃO ela não suporta. (TC)
 b. Maria se dá bem com o Paulo; é o João que ela não suporta. (CL)
 c. Maria se dá bem com Paulo. O João, ela não o suporta⁴. (DE)

Nas frases acima temos, respectivamente: uma TC, uma CL e, por fim, um DE. A primeira informação importante a ser observada é que no DE, normalmente, aparece a vírgula. Outra diferença básica entre o DE e as outras construções é que o seu referente vai reaparecer logo depois retomado na S, como o pronome átono em (11c) acima, o que não poderia acontecer em (11a) e (11b).

Segundo Givón (1993), “o DE é usado para marcar referentes importantes [...] que foram trazidos de volta para o discurso depois de um tempo de ausência ” (p. 209). Em outras palavras,

⁴ Podemos dizer uma forma mais comum e mais difundida desse caso seria com o apagamento do pronome átono, como em: “Maria se dá bem com Paulo. **O João**, ela não suporta **ele**”.

DE não é usado para introduzir novos referentes no discurso, apenas retoma referentes que já foram citados antes. Podemos constatar esse fato utilizando os mesmos exemplos da frase (11): não poderíamos responder à uma pergunta com um DE. Veja como isso seria estranho:

- (12) A: Quem a Maria vai encontrar hoje no cinema? O Paulo?
 B: * Não, o João, ela vai encontrar hoje no cinema.

Vemos em (11) acima que, além de o DE tratar apenas de referentes que já foram citados no texto, ele não pode “dar continuidade ao diálogo”. Enquanto uma S clivada seria completamente aceitável para a pergunta em (12) – exatamente porque ela vai contra uma expectativa do interlocutor – o DE não consegue responder à pergunta, porque ainda não se falou de *João* no discurso.

Ainda tentando caracterizar a função do DE, Givón (1992) faz uso de um índice numérico que mede a distância entre a S em que o referente apareceu pela última vez e a S na qual ele aparece deslocado à esquerda. Givón (1992) conclui que a “distância referencial média” entre Nps deslocados à esquerda e a última menção do referente é de 15 orações; e por volta de 73% dos casos retomam anaforicamente seus antecedentes no intervalo de 11 a 20 orações – ou seja, há uma grande distância entre o referente em DE e sua última menção. Segundo o autor, essas longas distâncias demonstram que construções de DE são usadas para retomar um referente que se encontra em uma cadeia temática anterior. Vejamos (12) a seguir, que exemplifica essa função de retomada após ausência por longo trecho (adaptado de Givón, 1993):

- (13) [...] Assim, o rei partiu para uma cruzada fadada ao fracasso, deixando a rainha por si, sem recursos, em um castelo dilapidado. Ela teria que tomar conta do reino, das crianças e dos velhos, e da população mais pobre e faminta. Dela dependia a manutenção da ordem – da própria idéia de reino. E ela se saiu de forma esplêndida: era uma rainha de verdade.
Quanto/Já ao rei, só lhe restou persistir em sua quimera ...

No exemplo, (13) revela por que o NP deslocado está a longa distância da última menção do referente: é porque, no trecho entre as duas ocorrências, houve um desenvolvimento temático

em torno de um *outro referente* – *um outro tópico*. Exemplos como este mostram que: 1) o DE realmente retoma um referente já introduzido no texto (o *rei* foi mencionado na primeira frase); 2) esse referente está muito “longe” no texto (nesse caso, quatro frases antes), e há o desenvolvimento sobre um outro tópico no meio; 3) isso parece indicar que o DE re-orienta a unidade temática desse texto, podendo inclusive abrir uma nova unidade de assunto – de fato, o NP deslocado em (13) aparece na abertura de um novo parágrafo. Lembrando do que já tratamos sobre TC e CL, vemos que a função do DE é exatamente o contrário daquelas: enquanto TC e CL “dão continuidade a um assunto” – podem, por exemplo, ser respostas a uma pergunta –, o DE rompe a unidade temática, re-introduzindo elementos que haviam sido importantes no texto *anteriormente*.

É importante ressaltar que, embora traga uma ruptura no tema do discurso, e isso possa coincidir com o início de um parágrafo, a função do DE não é a de criar um novo parágrafo. O que ele faz é reorganizar o texto dentro de um mesmo parágrafo, fazendo “subtópicos”. Vejamos um exemplo:

- (14) Os deputados decidirão se vão liberar de uma vez por todas o plantio de transgênicos e se permitirão o uso de células-tronco embrionárias em pesquisas e tratamentos para várias doenças, entre elas as que afetam o coração e o cérebro. Em relação aos transgênicos, a briga envolve, de um lado, os agricultores e, de outro, os ambientalistas (adaptado de ROISENBERG, 2007).

Ou seja, os *transgênicos* não são um assunto totalmente novo no texto (foram mencionados na primeira frase), mas, no momento em que reaparecem, estava-se falando de outra coisa (as *células-tronco*); sua retomada pela construção “em relação aos *transgênicos*” tem a função de resgatá-los como assunto.

Com a discussão que apresentamos neste capítulo, acreditamos ter esclarecido suficientemente a noção de “tópico” e o tipo de distinção funcional que construções como a TC, a clivagem e o DE fazem – são distinções relativas às expectativas e à organização temática do discurso. Esperamos ter deixado claro, especialmente, a função do DE: resgatar um referente e, com isso, dar uma nova orientação temática ao discurso. Com isso, acreditamos ter fornecido um quadro para a discussão que virá nos capítulos posteriores. Lembramos que, neste trabalho,

escolhemos tratar especificamente de frases com DE em francês, embora, como indicaremos mais adiante, também apareçam em nossos dados processos de topicalização.

2 O DESLOCAMENTO-À-ESQUERDA EM GRAMÁTICAS FRANCESAS DE REFERÊNCIA

Depois de vermos alguns conceitos básicos de Sintaxe Funcional (o que é tópico, o que é um DE etc), seguimos falando do deslocamento-à-esquerda, mas sob uma nova perspectiva. Sabendo que o *deslocamento-à-esquerda* (DE) é considerado essencialmente como um efeito da fala, acreditamos ser interessante mostrar como algumas gramáticas francesas o interpretam. Escolhemos, para o presente trabalho, analisar quatro gramáticas francesas de referência: *Grammaire du sens et de l'expression*, de Charaudeau; *Grammaire Textuelle du Français*, de Weinrich; *Le Bon Usage*, de Grevisse; e *Grammaire Méthodique du Français*, de Riegel.

Charaudeau (1992), em *Grammaire du sens et de l'expression*, chama atenção para uma das funções de deslocamento-à-esquerda: o gramático faz alusão várias vezes ao valor de insistência que esse tipo de deslocamento pode ter: “essas marcas insistem, respectivamente, sobre o interlocutor e o locutor singularizando-o” (p. 124). Essa *singularização* é feita para enfatizar, num conjunto de indivíduos, a pessoa sobre a qual insistimos, e fazer entender que os outros indivíduos não fazem ou não dizem como a pessoa designada, como em (15) abaixo:

(15) **Toi**, tu devrais être prudent (CHARAUDEAU, 1992, p. 124).

Existe em (15) uma pressuposição de que talvez outros (ou seja, algum conjunto contextualmente definido de indivíduos) não sejam prudentes, mas que a pessoa a quem se dirige o interlocutor deveria sê-lo. Charaudeau diz mais adiante que essa pressuposição do “conjunto contextual de indivíduos” não é necessária para que haja a insistência, mas que esse fato contribui bastante para que ela ocorra (1992, p. 124).

Em seguida, no capítulo em que comenta sobre as pessoas da elocução, Charaudeau apresenta mais uma vez os marcadores de insistência, nesse caso os pronomes *lui*, *elle* (*eux*, *elles*), exercendo o mesmo papel de singularização citado acima. Assim *lui* e *eux* podem ser empregados com *il* e *ils* (separados por uma vírgula na língua escrita, ou por uma pausa na língua oral), como em:

- (16) **Lui, il** a bien parlé, mais **eux, ils** auraient mieux fait de se taire (CHARAUDEAU, 1992, p. 128).

No caso de *elles*, Charaudeau diz que não tem o mesmo valor de insistência, talvez devido à sua forma idêntica a de *elles* anafórico. Por isso, segundo ele (1922, p. 129), “essa insistência só aconteceria na língua oral, através de uma pausa ou uma entonação marcada”:

- (17) Elle/a bien parlé (CHARAUDEAU, 1992, p. 129).

Por último, Charaudeau expõe algumas características do efeito de generalização do pronome *ce* (quando ele entra no lugar do pronome *il(s)*). A utilização do pronome *ce* nesses casos, “tem por efeito neutralizar o gênero do nome ao qual *ce* se refere, e ao mesmo tempo, de dar um caráter de generalização e de definição mais marcado” (CHARAUDEAU, 1922, p. 232), como em:

- (18) Je vais vous dire, moi, **c’**est inquiétant cette affaire (CHARAUDEAU, 1992, p. 232)⁵.

Em (18), o pronome *ce* (na forma flexionada *c’est* por conta da presença do verbo *être*) está retomando a idéia de que *cette affaire* é inquietante, ou seja, ele não está apenas retomando um sintagma lexical, mas sim uma idéia (poderíamos dizer “tópico do discurso”). É importante ressaltar que o gramático Charaudeau (1992) faz uma ressalva ao final de seu comentário sobre os processos de insistência, dizendo que os puristas consideram que esse tipo de ocorrência não pode ser empregado na língua escrita. Se acontecer, será para marcar um tom de familiaridade conversacional ao texto.

Em *Grammaire Textuelle du Français* (1989), Weinrich utiliza especificamente a denominação “*thème-rhème*” (como é conhecida a função *tópico-comentário* em francês), dizendo que “as formas livres e ligadas do pronome podem ser empregadas lado a lado no texto, justapostas imediatamente quando são sujeitos (exemplo: *toi tu sais*); e separadas pelo verbo

⁵ Como veremos a seguir, aqui o pronome *ce* tem uma função dêitica (que, segundo nossa pesquisa, é essencialmente uma função de *ça*).

quando são objetos (como em *je te connais, toi*)” (p. 68) – estas últimas conhecidas em português como deslocamento-à-direita (DR). Essas formas produzem uma “redundância que serve para sublinhar o perfil informativo”, que é a estrutura tópico-comentário, como no exemplo:

- (19) vous pouvez penser ce que vous voulez, mais **moi** je suis d’avis que ...
(CHARAUDEAU, 1992, p. 68).

O gramático ainda ressalta a ocorrência muito freqüente, na língua falada, da expressão “*moi je*”, explicando essa freqüência porque ela tem mais substância fonética do que apenas “*je*”.

Em seguida, encontramos na gramática de Weinrich um interessante comentário sobre a ocorrência do pronome *il* impessoal, especialmente quando ele assume um papel de introduzir o tópico (*thème*) em um horizonte textual, ou seja, fornecer um “plano de fundo a uma ação que virá no texto subsequente e que deve atrair toda a atenção do ouvinte (focus, *rhème*)”, exercendo então uma função de topicalização (WEINRICH, 1989, p. 82). Frases como (20) exemplificam essa função de introdução que o pronome *il* pode exercer:

- (20) Il me vient à l’esprit quelques observations que je voulais vous communiquer
(WEINRICH, 1989, p. 83).

Ainda nesse sentido, Weinrich observa que expressões fixas com o pronome impessoal *il* podem introduzir um texto inteiro, como temos em “*il était une fois...*”.

Grevisse, em *Le Bon Usage* (2008) trata do DE primeiramente quando comenta o lugar do sujeito na frase, especificamente no caso da retomada do sujeito (*reprise du sujet*, p. 257): “o sujeito pode se encontrar expresso duas vezes, por redundância, na mesma frase ou na mesma posição. Normalmente, numa das duas vezes ele toma a forma de um pronome ou de um nome com sentido vago”. O gramático, então, enumera algumas condições em que esse processo pode acontecer com o sujeito, primeiramente por razões gramaticais:

1. Sob a forma de um pronome pessoal. Ele pode se manifestar de três maneiras diferentes:

- a) “O sujeito é retomado por um pronome pessoal imediatamente após o verbo, em frases interrogativas”, como em *La vérité est-elle toujours bonne à dire?* (GREVISSE, 2008, p. 257)⁶
- b) “O sujeito formado de um pronome pessoal coordenado a uma outra palavra é normalmente retomado por um pronome pessoal na frente do verbo” (GREVISSE, 2008, p. 257), como em *Ma femme et moi, nous sommes heureux de vous féliciter.*
2. Sob a forma de pronomes demonstrativos neutros *ce* e *cela*.
- a) “O sujeito que não está em sua forma habitual, ou seja, que não é um nome ou um pronome, é frequentemente retomado por *ce* ou *cela*” (Ibid., p. 258), como em *Se tromper, ce n'est pas un crime.*
- b) “O sujeito posposto é anunciado por *ce* em frente a *être* + *attribut* quando o sujeito é um infinitivo ou uma proposição” (Ibid., p. 258), como em *C'est dommage qu'il se soit trompé.*
3. Ou ainda por razões de expressividade ou de clareza:
- a) “O sujeito deslocado no fim da frase é anunciado antes do verbo por um pronome [...] Esse deslocamento pode ser para ressaltar ou para dar uma explicação, evitando que o valor do pronome seja mal interpretado” (Ibid., p. 258), como em *Elle était donc rentrée avec un panier au bras, ma mère.* (deslocamento-à-direita)
- b) “Para insistir no sujeito, especialmente para marcar uma oposição, ele é retomado sob a forma de um pronome disjunto [fr. *disjoint*] ⁷” (Ibid., p. 259), como em *Votre père le sait, lui.*
- c) “O sujeito separado muito claramente do verbo, ou deslocado por estar em evidência, que tenha assim reforçado o seu papel de tópico, é retomado em frente ao verbo por um pronome pessoal ou, às vezes, por um pronome demonstrativo”

⁶ Ressaltamos que esse tipo de construção já é *figé* em língua francesa, isto é, já não é mais considerado como um fenômeno “incomum”.

⁷ Acreditamos ser necessária uma breve explicação. Segundo Grevisse, 2008, p. 844 : « Les pronoms disjoints se comportent comme un groupe nominal séparé du verbe (par une préposition ou une virgule). On les trouve dans un groupe prépositionnel complétant un verbe (*Il pense à elle*), un adjectif (*Il est fier de lui*) ou encore un nom (*Son amour pour toi est sincère*). Le pronom disjoint peut être utilisé seul en position détachée (*Moi, je n'ai peur de rien*).

(Ibid., p. 257), como em *Cette sainte montagne, au milieu de nos pays de l'Est, elle brille comme un buisson ardent*.

Esse último caso ainda recebe mais comentários do gramático. Ele cita que esse papel de comentário aparece especialmente quando o sujeito é o excerto de uma proposição, como em *L'administration préfectorale, elle même, je constate qu'elle a réparé une partie des scandales que j'ai dénoncés*. Grevisse ainda lembra que, na língua falada, especialmente a popular, “o pronome é considerado como parte necessária da forma verbal, mesmo se ela tem um outro sujeito” (GREVISSE, 2008, p. 257), como em:

(21) Je suis sûre que **Monsieur Barnnet il** sait le chiffre, mais qu'il ne te le dira pas (GREVISSE, 2008, p. 258).

O gramático ressalta que em (21) não há nenhum realce, e também não se faz nenhuma pausa entre o sujeito nominal e o pronome.

Na verdade, Grevisse (2008) analisa os processos de DE como diferentes casos de redundância. Segundo ele, “a redundância é o fato de que a mesma função é exercida por dois termos não coordenados e que trazem a mesma informação na mesma frase” (p. 462). No que diz respeito à ocorrência de redundâncias, o gramático faz uma separação entre: (i) redundâncias habituais (as quais são gramaticais ou impostas exatamente por ser habituais – mas não necessariamente obrigatórias); (ii) redundâncias devido ao problema da clareza; (iii) redundâncias expressivas e (iv) redundâncias diversas.

Os itens (ii) e (iv) não serão explorados nesse trabalho, uma vez que não demonstram casos de DE especificamente.

O item (i) se encaixa nos itens 1 e 2 já explicitados acima, que são aqueles em que o DE acontece através de uma redundância que já é considerada gramaticalizada. Esse é o caso da inversão na frase interrogativa, do pronome *il* impessoal e dos pronomes de “sentido vago”, como *ce* e *cela*, que retomam uma função que deveria ser de um pronome pessoal normalmente.

Já (iii) se refere especialmente ao item 3 citado acima. Um primeiro caso é o da “repetição imediata de uma palavra ou de um sintagma para atrair a atenção, para marcar a duração ou a repetição de uma ação” (GREVISSE, 2008, p. 465), como podemos ver em (22).

(22) *Voyez-le, voyez-le notre Boileau avec sa perruque* (GREVISSE, 2008, p. 465)

O segundo caso é o que eu chamaria de um típico caso de DE, o qual Grevisse explica como sendo a situação em que “um termo [é] colocado em evidência no começo ou fim da frase, e um pronome pessoal ou demonstrativo ocupa o lugar normal desse termo” (GREVISSE, 2008, p. 465). Podemos ver um exemplo em:

(23) **Hugo**, toujours gigantesque, s’il vient à succéder à Lemercier dans l’Académie, il a l’air de succéder à Napoléon (GREVISSE, 2008, p. 465).

O terceiro caso é quando um termo é retomado por um pronome disjuncto, para colocar esse termo em evidência, frequentemente para opô-lo a outros, como em:

(24) **Vos parents, eux**, le savent (GREVISSE, 2008, p. 464).

Grevisse (2008) trata especialmente do pronome *ce* e de seu comportamento como um pronome pessoal em muitos casos. Esse capítulo (Ibid. p. 454) é particularmente importante para o presente trabalho, pois, como veremos mais adiante, o pronome *ce* é o detentor do maior número de ocorrências de DE no *corpus* analisado.

Assim, em frente ao verbo *être* (na forma *c’est*), *ce* retoma um sujeito já expresso. Grevisse julga obrigatória essa ocorrência quando

- (a) o predicativo⁸ é um pronome pessoal, como em *Mon meilleur auxiliaire, c’est vous*.
- (b) o predicativo, depois de um sujeito singular, é plural, como em *Le gibier du lion, ce ne sont pas moineaux*.

Em outros casos, o DE com a utilização do pronome *ce* é quase-obrigatória:

⁸ Em francês *l’attribut*, na língua portuguesa usamos o termo sintático *predicativo do sujeito*.

- (c) quando o predicativo é uma proposição introduzida por *que*: *Une chose regrettable, c'est qu'il a manqué de politesse.*
- (d) quando a frase começa por *ce* + relativa: *Ce que je sais le mieux, c'est mon commencement.*
- (e) quando o predicativo é um infinitivo: *L'héroïsme du pauvre, c'est d'immoler l'envie.*

Finalmente, em Riegel (1999) encontramos definições precisas de DE, tópico e comentário, como nos textos mais teóricos de sintaxe funcional. Dentro do capítulo “L’emphase: dislocation et extraction” (RIEGEL, 1999, p. 425) o gramático discute quando e como esses tipos de construções acontecem.⁹ Segundo ele, há duas formas, a primeira denominada *deslocamento*:

A frase canônica é alterada, ou segmentada, em consequência do destacamento de um constituinte [, que é deslocado] para seu começo ou para seu fim. Este constituinte recebe um acento de insistência e pode se encontrar separado do resto da frase por uma pausa, que é marcada por uma vírgula na escrita (RIEGEL, 1999, p. 426).

Nesse sentido, Riegel discute a diferença entre o sujeito da frase e o tema, como em

- (25) **Ces montagnes**, je les trouve sublimes (RIEGEL, 1999, p. 426).

(25) é um caso típico de DE, onde temos, além do sujeito gramatical (*je*) um elemento deslocado à esquerda e retomado por pronome no interior da sentença (*ces montagnes, les*). Riegel afirma que “o deslocamento permite tomar como tema da frase um outro elemento que não o sujeito gramatical” (1999, p. 427). Já em *Ces montagnes, elles sont magnifiques*, o gramático diz que o tema e o sujeito da frase são os mesmos, e que o recurso de deslocamento é utilizado para dar uma “insistência marcada”.

Riegel cria então uma espécie de “classificação” do DE segundo suas ocorrências: (i) deslocamento de um grupo nominal e (ii) deslocamento de infinitivos e de completivas exercendo outras funções. Quanto a (i), ele faz uma observação muito interessante sobre o pronome *ce*, que também pode ser encontrada em Grevisse (ver acima). O pronome *ce* é normalmente interpretado

⁹ Interessante observar que em todas as gramáticas analisadas o fenômeno do deslocamento-à-esquerda está localizado no capítulo em que se trata da ênfase nas frases francesas.

como genérico, ou seja, um pronome neutro que pode retomar um pronome pessoal qualquer. Riegel afirma que *ce* é empregado unicamente como sujeito do verbo *être*, como em *La vitesse, c'est dépassé*. *Ce* é obrigatório quando o predicativo é um pronome (como já observado em Grevisse): *L'État, c'est moi*. A respeito dos pronomes *ça* e *cela*, o gramático diz que eles são utilizados em frases com outros verbos (e não *être*), como em *La lecture, ça compte*.

A segunda forma de DE e de estruturas de tópico em francês citada pelo gramático é denominada *extração*. A extração é o processo enfático que tem como produto a frase clivada (*clivée* em francês, do inglês *cleft*), que “associa uma locução identificadora e uma relativa para extrair um constituinte da frase”.

(26) *C'est Claire qui aime le chocolat*. (RIEGEL, 1999, p. 430).

(26) é o exemplo dado por Riegel de frase clivada, a partir do qual ele analisa a questão do que é “posto” e do que é “pressuposto” em frases clivadas. Nestas, sempre temos um pressuposto; no caso de (26) o pressuposto é: alguém gosta de chocolate. Mesmo que a frase seja negada (*Ce n'est pas Claire qui aime le chocolat*), o pressuposto não é questionável, pois ele é o elemento já subentendido da frase. Já o elemento posto é a informação nova, que é uma escolha feita dentre um conjunto contextualmente definido de indivíduos. (*C'est Paul qui aime le chocolat* etc). É importante lembrar que a frase clivada normalmente é utilizada para enfatizar e contrastar elementos, como poderia ser o caso de (26): *C'est Claire qui aime le chocolat, et non pas Régine*.

Em suma, podemos observar que os quatro autores aqui citados tratam de DE (ou de topicalização) de uma maneira bastante próxima em suas gramáticas. Embora usem terminologias diferentes, vemos em todas elas um termo que tem uma significação próxima de “ênfase”. Charadeau (1992) usa “insistência”, Weinrich (1989) e Grevisse (2008) falam em “redundância” e Riegel tem justamente um capítulo intitulado “a ênfase: deslocamento e extração”¹⁰. É exatamente essa a idéia de Givón (1993, p. 203, grifo meu) sobre o conceito de DE: “DE é usado para marcar **referentes importantes** que foram trazidos de volta para o discurso depois de um

¹⁰ Aproveitamos a ocasião para relembrar que existe um recurso muito usado em francês (tanto falado quanto escrito), que é conhecido por *mise en relief*, utilizado para enfatizar algum elemento da frase.

tempo de ausência [...]. Em outras palavras, DE não é usado para introduzir novos referentes no discurso”.

Isso demonstra, num primeiro momento, que as gramáticas de referência francesas abordam o assunto do DE, mesmo que ele seja considerado largamente um fenômeno somente de língua oral. Talvez essa questão demonstre que o DE e a topicalização não são efeitos meramente orais, mas que começam (alguns deles, especialmente os citados por Grevisse) a ser gramaticalizados. Além disso, o fato de que o DE está descrito nas gramáticas é fundamental para esse trabalho, pois analisaremos, em comparação com a língua falada, como o DE ocorre na língua escrita (sempre mais formal) francesa.

3 BREVE DESCRIÇÃO DA ANÁLISE DE BETSY BARNES

Neste capítulo veremos um breve resumo da análise que Betsy Barnes faz em seu livro de 1986. Em *The Pragmatics of Left Detachment in Spoken Standard French* (1986), Betsy Barnes apresenta a análise de um *corpus* coletado de francês falado. Esse *corpus* é composto por frases de falantes de francês do meio universitário (a maioria professores) que davam aula em 1984 em uma universidade dos Estados Unidos¹¹. São características desse francês falado *standard*¹²: (i) a substituição de “*Nous VERBO-ons*” por “*On VERBO*”; (ii) trocas no sistema pronominal, como *ça* por *cela*; (iii) eliminação da inversão na interrogação: “*Tu vas où?*” por “*Où vas tu?*”; (iv) eliminação de *ne*, como em “*Il vient pas*”; (v) redução ou apagamento fonético, como em “*T’as...*” por “*Tu as...*” e “*Y a...*” por “*Il y a...*”, etc.

A seguir uma adaptação da tabela do *corpus* geral analisado pela autora:

Tabela 1 - Distribuição dos NPs Deslocados por Tipo e Anáfora

Anáfora (por função)	NP Deslocado	
	Lexical	Pronominal
Sujeito	308 (79%)	525 (82%)
Objeto Direto	26 (7%)	27 (4%)
Objeto Indireto	6 (2%)	14 (2%)
Oblíquo	4 (1%)	6 (1%)
Determinante Post	0 (0%)	11 (2%)
Sem anáfora	45 (12%)	61 (9%)
Total	389 (100%)	644 (100%)

Adaptada de Barnes (1986, p. 14).

Nessa tabela, temos uma visão geral do *corpus* de Betsy Barnes. Nesse primeiro momento, julgamos interessante ressaltar algumas observações. A primeira delas é a de que, como a tabela mostra, os Sintagmas Nominais (NPs) deslocados são majoritariamente retomados por elemento anafórico na posição de sujeito, seja o NP deslocado um pronome ou não. A segunda observação, que se pode inferir a partir dos dados da tabela, é a de que os NPs deslocados são majoritariamente pronominais (69%, contra 41% de NPs lexicais do total).

¹¹ Infelizmente, não há maiores informações sobre esses falantes no livro de Betsy Barnes (1986).

¹² Fazemos aqui nossa ressalva: de acordo com nossas impressões do trabalho de Barnes, julgamos esse francês coletado por seu *corpus* um francês muito *familier*, ou seja, nem tanto *standard*, mas muito mais coloquial.

Na Tabela 2 a seguir, temos uma análise da primeira linha da Tabela 1, isto é, dos deslocamentos retomados pela posição de sujeito: na análise abaixo, discrimina-se os tipos de elementos anafóricos – se pronomes pessoais (*je, il, tu, etc.*) ou não pessoais (*ce, ça, cela, etc.*):

Tabela 2 - Distribuição das Formas Anafóricas na Função de Sujeito

Anáfora (por tipo de pronome)	NP Deslocado	
	Pronominal	Lexical
+ Pessoal	410 (64%)	81 (21%)
- Pessoal	115 (18%)	227(58%)
Total	525 (82%)	308 (79%)

Adaptada de Barnes (1986, p. 14).

Com relação a essa tabela, merece destaque a inversão que se observa nos modos de retomada dos NPs deslocados, conforme sejam pronominais ou lexicais: NPs deslocados pronominais são majoritariamente retomados por pronomes pessoais (como em *moi la première fois que je suis arrivé*); inversamente, NPs deslocados lexicais são majoritariamente retomados por pronomes não pessoais (isto é, *ce, ça, etc.*) – como em *Ed c'est musicien*. No que segue, apresentamos a discussão de Barnes (1986) sobre alguns dos padrões mais significativos revelados pelos dados acima sintetizados.

3.1 DESLOCAMENTOS PRONOMINAIS

3.1.1 Uso dos pronomes pessoais de primeira pessoa: *moi, nous*

Consideremos o seguinte exemplo:

- (27) C: ... les Américains, bon ben, ils croient vraiment qu'ils sont gros. Y en a qui sont gros, hein
M: Comme je dis, c'est un problème d'obésité
C: Oh oui.

E: Oh oui, parce que **moi**, la première foi que qu **j** ’suis arrivée, j’ai vu des, surtout des femmes, ça des fois, c’est des monstres (BARNES, 1986, p. 38).

No período (27) acima, podemos constatar a principal função do pronome *moi*, quando deslocado para a esquerda: marcar o falante atual como “tópico” em algum sentido – o que, no caso do diálogo acima, serve para direcionar o turno da fala para si. Ou, mais precisamente: o pronome *moi* deslocado, nesse caso, não é utilizado pelo falante para “trocar o tópico” no sentido de “ser o referente sobre o qual se fala” – no caso, ele não passa a “falar de si mesmo”. Portanto, o falante, em (27), não é o “tópico” no sentido de ser o “assunto” do diálogo. Antes, *moi* é usado para marcar que o que o falante vai dizer a seguir contribui para o assunto em questão. Esta função de “troca de turno” é chamada de (função de) *tomada de turno* (“turn-taking device”). Em resumo: *moi* deslocado à esquerda, como em (27), pode servir para “mudar o tópico” e trazê-lo para o que o falante tem a dizer, ainda que não seja o próprio falante o referente-assunto do discurso.

Betsy Barnes (1986) constata que, no *corpus* que coletou, as construções de DE com o pronome tônico de primeira pessoa singular *moi* como o elemento à esquerda da frase são de longe as mais frequentes (69% do total de 82%, cf. p. 37). Segundo ela, isso se deve ao fato de que esse pronome é largamente utilizado em francês pelo falante para marcar sua “topicalidade” no sentido em que *moi* é “tópico” no exemplo acima. Ou seja, para marcar que sua fala será o tópico do discurso que segue.

Barnes (1986) ainda observa, com relação a (27) acima, que o pronome *moi*, em casos como este, tem uma função de *foregrounding*, isto é, de trazer à tona, ao fluxo principal do discurso, algo relativo ao falante. Nesta função, pode: (i) enfatizar um elemento segundo a opinião do falante, como em (27); (ii) trazer um referente alternativo em relação ao discurso precedente, como em (28) abaixo; ou ainda (ii) trazer um caso particular em relação a um fenômeno geral em discussão.

(28) também mostra que há ocorrências em que *moi* não é necessariamente ligado ao sujeito gramatical da frase, mas sim ao objeto direto, como em:

(28) (Contexto: o apartamento de C)

M: Et puis il y a une petite cuisine, **moi**, qui m'a émerveillée, tu vois (BARNES, 1986, p. 39).

Esse exemplo prova, igualmente, que a introdução do pronome de primeira pessoa não faz com que o assunto do discurso mude. Pelo contrário, no exemplo (28), o sujeito gramatical ainda é o mesmo (*qui*), mesmo nessa frase que foi introduzida o pronome de primeira pessoa. Ou seja, podemos dizer que muitas vezes uma frase vai permitir vários tópicos ao mesmo tempo, e que o uso do DE, embora mostre uma mudança de tópico num “menor nível” da frase, ainda mantém e dá continuidade ao tópico do discurso (“maior nível”).

(29), abaixo, é um exemplo de quando o pronome *moi* exerce a função de ênfase:

(29) (C. está contando sobre seus dias, quando criança, nos acampamentos de verão, especialmente que ela não gostava de fazer esportes)

M: *Moi*, j'adorais tout ce qui était jeux. Dès qu'ça bougeait, dès qu'on était pas assis. J'pouvais pas rester assise sur une chaise. Le résultat, regardez ! Deux ou trois heures comme ça. Dès qu'j'suis assise sur une chaise, je supporte pas.

C: Oui, regarde ! *Moi* c'est le contraire.

E: Oui, **moi** non plus, j'ai pas c'problème (BARNES, 1986, p. 43)¹³.

Nesse caso, é importante lembrar a noção de ênfase comparativa de Givón (1993), em que ele diz que um elemento é enfatizado especialmente quando se está em um contexto de comparação. Assim, o falante enfatiza com DE uma expressão que ele vai comparar com o que já se falou antes.

¹³ Mais um exemplo do grande nível de oralidade que encontramos nos segmentos coletados por Besty Barnes (1986): para podermos responder “moi non plus”, devemos ter uma frase negativa antecedendo, o que não acontece no exemplo (29).

3.1.2 Pronomes não pessoais: *ça*

Segundo Barnes (1986), foram encontradas em seu *corpus* de francês falado 139 ocorrências de deslocamento-à-esquerda com o pronome *ça* em posição inicial da frase.

Lambrecht (apud BARNES, 1986, p. 45) diz que em francês *non-standard* “*ça* substitui *ce* et *cela* na língua *standard*”, mas foi encontrado apenas o primeiro caso no *corpus* analisado pela autora. Ela ainda aborda uma construção muito comum em francês *non-standard*: *ça c-... .* Quando em francês *non-standard* temos *cela est* ou *cela était*, o que acontece normalmente é transformar essa expressão para *ça c’est*, *ça c’était*. Esses casos podem ser vistos como usos dêiticos, ou seja, quando *ça* substitui toda uma idéia ou expressão mencionada anteriormente no texto, enquanto o *c-...* representa um simples sujeito anafórico [ver (30) abaixo].

Em seguida, Barnes (1986) aborda o fato de que *ça c-* está relacionado diretamente ao caso da construção *moi je ... : c-* compartilha com *je* a “propriedade de ser largamente restrito a contextos onde o referente é altamente dado ou tópico” (1986, p. 45). Embora essa sistematização entre *c’est* et *ça c’est* não seja exatamente tão sistemática quanto entre *je* e *moi je*, há algumas características que são comuns. Uma delas é o fato de que *ce* em *c’est* é essencialmente um pronome de lugar vazio, o que significa que o referente deve ser óbvio no contexto por ser imediato ou pelo menos ter o status de tópico do discurso. Assim, *c-* é largamente encontrado em contextos quando o antecedente é imediato, como em *Ed c’est un musicien*. Por outro lado, sendo *ça c-* um dêitico, seu referente estará mais longe ou menos saliente – por exemplo, quando há outros referentes – no discurso. Esta diferença entre *c-* e *ça c-* é ilustrada no exemplo (30) abaixo:

(30) (TD¹⁴ = uma delicatessen em particular)

Ils ont plusieurs sortes de jambon, alors ils ont l’jambon ordinaire, l’aut’jambon tu sais, en boîte là qui euh, dégouline d’eau et pis t’as l’vrai jambon, alors **ça c’est** excellent et c’est pas vraiment très cher parce que l’autre fois on avait (BARNES, 1986, p. 47).

¹⁴ TD = Tópico do Discurso, nesses casos, o assunto do qual se vem falando, ou seja, o “contexto”.

Outro caso em que *ça c-* é usado para se referir a um referente não saliente é quando o “referente” não é um ser, uma coisa, mas um trecho ainda não individuado do texto – isto é, é descrito por uma sequência de frases que expressam uma idéia geral. Vejamos isso no exemplo (31) a seguir:

(31) (M. está contando como ela trabalhou cinco meses como garçanete em um restaurante nos Estados Unidos).

M: [...] L'année dernière, le 1^{er} de l'An, j'ai travaillé quatorze heures d'affilé, sans une minute de pause, pas une seule minute de pause.

E: C'est vrai?

M: et j'ai fait moins de quinze dollars. Parce qu'il avait « the special deal, thirty dollars a person », mais il n'avait dit à personne que le tip n'était pas inclus. Oui, **ça c'était** affreux. Je n'oublierai pas ce 1^{er} de l'An. Cette année, autant t'dire, au 1^{er} de l'An, j'étais à la maison, j'travaillais pas. Ça m'a servi. **C'était** affreux, affreux! (BARNES, 1986, p. 46).

Quando *ça c-* tem seu referente no contexto linguístico, ele é normalmente usado para fazer um comentário avaliativo sobre uma situação que foi contada nas frases anteriores¹⁵. Esse é o caso de (31) acima, em que M. utiliza *ça c'était affreux* se referindo à terrível experiência que ela teve naquele Ano Novo. Além disso, vemos que na última frase ela não faz mais uso de *ça c-*, mas sim de *c-*. Isso pode ser explicado porque *ça c-* é usado apenas para apontar um objeto quando se começa um segmento discursivo com ele. Quando nos referimos novamente ao mesmo referente, a construção provavelmente não será mais usada, porque ela não é sucessivamente repetida (ao contrário de *moi*, que pode ocorrer inúmeras vezes num mesmo discurso). Assim, podemos concluir que não usamos *ça c-* uma segunda vez (num segmento muito próximo), porque o referente já foi introduzido como tópico, e não há necessidade de resgatá-lo ou reintroduzi-lo: ele já é um referente ativo.

¹⁵ Gostaríamos de ressaltar que o pronome *ce* também é usado para fazer comentários avaliativos, como podemos ver no exemplo (18).

3.2 DESLOCAMENTOS LEXICAIS

3.2.1 Com anáfora não pessoal

No *corpus* analisado por Barnes (1986), metade (198 ocorrências) de todos os deslocamentos que têm NP como anáfora são do tipo *NP c'est...* Outros casos são com a anáfora *ça* e 81 casos com o sujeito pessoal clítico *il(s) / elle(s)*.

3.2.1.1 NP *c'est...*

Barnes (1986) afirma que os dados recolhidos em seu trabalho sugerem fortemente que “o uso de DE com sujeitos lexicais de *être* é quase-obrigatório, onde *ce* (*c-*) é a anáfora apropriada” (p. 49). Analisando casos em que o sujeito lexical de *être* não sofre DE, revela-se que a maioria desses casos ocorre porque “*ce* não é uma anáfora apropriada”. Casos em que *ce* não é a anáfora apropriada são quando sujeito é um nome animado e o constituinte que segue *être* é uma sentença adjetiva (SA), como em *ma mère est catholique*. Além disso, Barnes (1986) também considera *ce* como uma anáfora inapropriada para um NP inanimado plural, como em (32) a seguir:

(32) * tous les doigts, *c'est* en dessous (BARNES, 1986, p. 49).

Já no caso de um NP inanimado singular, o francês coloquial aceita *ce* em vez do *standard il/elle*, mesmo antes de *être* + SA. Falando de uma maneira geral, tanto *ce* quanto *il/elle* poderiam ser aceitos como anáforas apropriadas de nomes inanimados singulares.

O fato de *ce* poder ser usado largamente é explicado porque, segundo Barnes (1986), estruturas como *c'est...* estão num processo de gramaticalização. Como já estudado nesse trabalho, Grevisse (1969, 2008) indica alguns casos em que as construções de DE com o uso de *c'est* já são aceitos pelas gramáticas tradicionais francesas (ver página 24). Esses casos são

quando: (i) *c'est* é seguido de um pronome pessoal; (ii) depois de um sujeito singular, *c'est* é seguido por um predicativo plural; (iii) o predicativo é uma frase introduzida por *que*; (iv) a sentença é relativa, ou seja, *ce + que*; (v) quando o que segue *c'est* é um infinitivo (ver exemplos na página 24-25). Mas, então, há casos em que podemos usar tanto *il/elle* quanto *ce*, casos em que eles são simplesmente sinônimos? Segundo Barnes (1986), não. Vejamos:

- (33) a. La soupe à l'oignon, *c'est* bon.
 b. La soupe à l'oignon **elle** est bonne¹⁶ (BARNES, 1986, p. 53).
- (34) (M. está descrevendo como seus estudantes encararam suas botas de inverno quando ela entrou na sala com elas)
 La tête des étudiants, *c'est* comme ça! (BARNES, 1986, p. 53)

Em (33a) e (33b) vemos duas frases diferentes, que podem ser usadas em contextos diferentes. (33a) tem uma interpretação genérica, quando se fala de qualquer sopa de cebola que possa existir. Já (33b) revela um contexto mais específico, o qual poderia ser, por exemplo, o caso de alguém estar falando de vários tipos de sopa e de dizer, especificamente, que a de cebola é boa. Em (34), temos uma situação semelhante: se usássemos *elle* no lugar *ce*, poderíamos pensar em uma cabeça específica, quando na verdade o falante está se referindo a um conjunto de cabeças – exatamente o tipo de referente permitido por *ce*.

Assim, o princípio geral é que *il(s)/elle(s)* refere a uma coisa como uma entidade individual (ou uma pluralidade de entidades individuais), e que “o complemento que segue *il/elle est* é expressamente uma qualidade referente à coisa ela mesma” (BARNES, 1986, p. 54). Já *c'est* é simplesmente a “ligação” de dois termos ou expressões, e não carrega nenhum valor semântico que não seja “colocar em relação duas expressões” (Ibid., p. 54). Na língua falada, *c'est* virou neutro tanto gramatical quanto semanticamente; essa falta de restrições gramaticais e semânticas de *c'est* [...] “fazem dele um ‘dispositivo de ligação geral’ que é extremamente útil em discursos não-planejados, já que ele reduz a necessidade de planejamento e permite que o falante seja menos explícito quanto seria apropriado em um discurso planejado” (Ibid., p. 55).

¹⁶ Discordamos de Barnes nesse caso, pois julgamos que (33b) pode ser usada nos dois contextos, e não apenas em contextos específicos, como diz Barnes (1986).

Assim, segundo Barnes (1986), podemos dizer que *NP c'est* tem um valor identificacional, ou seja, um valor que coloca dois termos em situação de identificação. Já *il/elle* assumem uma função de predicação, ou seja, fazem a ligação entre um termo e seu predicativo. É interessante ressaltar também que, algumas vezes, *c-* não pode ser descrito como uma anáfora de um elemento específico do texto, e sim como um substituto do Tópico do Discurso (TD). É o que acontece em (35) abaixo, em que *c'était* não está retomando *ta mère au syndicat*, e sim o TD: o fato de C ter ou não ter alguma coisa de interessante para contar.

(35) C: Ça c'est marrant. J'ai jamais rien eu, moi, j'ai, décidément, j'ai rien d'intéressant à raconter! Alors, rien.

M: Mais si! Ta mère au syndicat, c'était pas mal (BARNES, 1986, p. 56).

3.2.1.2 NP ça V

Embora os casos de DE com *ça* seguido de um verbo (que não *être*) sejam menores que as ocorrências encontradas com *c'est*, essas duas opções compartilham algumas características em comum. O referente de *ça* é geralmente um NP sem gênero, uma palavra ou uma frase em citação, um infinitivo ou NP genérico:

(36) mais “les restes de fromage”, **ça** veut dire quoi? (Ibid., p. 58).

(37) la clarinette, c'est, **ça** a une pureté de son (Ibid., p. 58).

Podemos observar em (37) que o falante se corrigiu, pois ele começou usando *c'est* e depois se deu conta de que deveria usar *ça*. Isso ocorre porque o pronome *ça* é geralmente usado em DE com outros verbos que não *être* (nesse caso *avoir*).

3.2.2 Com anáfora pessoal: *NP il/ elle...*

Foram analisados até aqui os casos de DE com as anáforas *ce/ça* apresentados por Barnes. A partir de agora, veremos algumas peculiaridades da anáfora com os pronomes *il/elle*, que foram as que restaram do *corpus* de Barnes.

A primeira questão a ser analisada é o fato de que anáforas com *il/elle* geralmente estão relacionadas a referentes definidos:

- (38) a) Le garçon, il travaille avec moi.
 b) *Un garçon, il travaille avec moi (BARNES, 1986, p. 60).

Vemos que (38b) não é possível, pois não podemos associar um referente definido com um NP indefinido. Já (38a) é aceitável, mas tem a exigência de que o referente do NP deslocado já deve ter sido mencionado no discurso, ou, ao menos, o falante deve assumir que o ouvinte já tenha na sua consciência esse referente – ele deve ser “dado” (ver página 12 onde essa questão já foi abordada).

Segundo Larsson (1979, apud BARNES, 1986, p. 61):

o membro deslocado deve representar alguma coisa que aquele que fala acredite ser familiar e facilmente percebido pelo locutor. [...] o tema indicado à esquerda faz parte de um repertório de temas que têm uma certa atualidade na situação da fala. Ele é muitas vezes, mas não necessariamente, um elemento dado pelo contexto linguístico precedente.

Essa noção de Larsson é bastante abrangente e, ao meu ver, uma boa escolha para definir a questão do referente ser novo ou velho para o discurso. É importante ressaltar, na última frase, que o termo deslocado é “muitas vezes mas não necessariamente” já mencionado no discurso. Essa afirmação abre a possibilidade para que se utilize um DE em um discurso em que o elemento em questão ainda não foi mencionado, mas que está no consciente tanto do falante quanto do ouvinte.

Abaixo a tabela apresentada por Barnes (1986) em uma comparação entre DE com *ce/ça* e *il/elle*, onde *Evocado* são referentes já mencionados no discurso ou que fazem parte do contexto

situacional; *Novo* corresponde essencialmente à noção de “novo ao discurso”, que inclui qualquer referente que não foi mencionado.

Tabela 3 - Status informacional de DE lexicais com sujeitos anafóricos

	Evocado	Novo
NP <i>ce/ça</i> ...	143 (78%)	41 (22%)
NP <i>il(s)/ elle(s)</i>	34 (39%)	48 (61%)
Total	177 (66%)	89 (34%)

Adaptado de Barnes (1986, p. 63).

Podemos ver a grande diferença entre os dois tipos de anáfora: enquanto os pronomes genéricos e neutros *ce/ça* aparecem muito mais em discursos nos quais já temos o referente mencionado, *il/elle* aparecem em contextos em que se relacionam a elementos que são novos ao discurso. Alguns exemplos para ilustrar:

- (39) (TD: atividades musicais e problemas de incomodar outras pessoas com a prática)
 M: Et là, y a pas d´problèmes pour déranger les voisins, c´est pas comme (?)
 B: Oui, oui, avant on avait des problèmes. C´est, c´est une des grandes raisons pour laquelle on a acheté *une maison*.
 E: Pour pouvoir chanter, jouer tranquille.
 B: Oui.
 M: Non et puis **une maison** c´est pas pareil, hein, c´est tellement mieux
 (BARNES, 1986, p. 65).

Em (39) temos um DE acompanhado de *c´est* na última frase de M. O referente *une maison* já foi mencionado algumas sentenças antes, e depois foi retomado na fala de M.

Já em (40), temos um exemplo de DE no qual foi utilizado o pronome pessoal *elle* como anáfora. Verificamos na sentença que ele é usado porque temos um novo referente no discurso:

- (40) B: Mais qu´est-ce que vous mangez alors, pas de fromage?
 C: Des hamburgers !
 M: On mange américain.
 C: On s´américanise, oui.

M: Des poulets. C'est pas cher, le poulet ici. Et puis moi j'ai au moins quatre recettes de poulet.

C: Mais **la viande elle** est pas chère en général ici (BARNES, 1986, p. 71).

Resumindo, segundo esse breve comentário que tecemos sobre a análise que Barnes (1986) faz em seu livro, podemos dizer que em francês falado *non-standard* construções de deslocamento-à-esquerda são comumente utilizadas. Elas são largamente empregadas para deslocarmos pronomes à esquerda e que são retomados anaforicamente na forma de sujeito (como podemos constatar na Tabela 1). Dentre essas construções, destaca-se *moi je*, extremamente utilizada em francês falado e que tem prioritariamente uma função de introduzir a contribuição do falante para o discurso, o que ele pensa daquilo, ou alguma experiência que ele tenha vivido que o lembre do que vem sendo tratado no Tópico do Discurso; ou seja, na maioria das vezes não se utiliza *moi je* para trocarmos o tópico do discurso, mas sim para trazermos uma contribuição para o TD.

Além disso, Barnes (1986) observa que o pronome *ça* tem uma função dêitica, especialmente em ocorrências como *ca c-*. O pronome retoma uma idéia, ou TD, e não um referente específico. Por isso, ele pode fazer alusão a um referente que já não está mais ativo no discurso – função primeira do DE. Já *c-*, por ser um pronome semanticamente neutro e vazio, faz anáfora somente a referentes que são facilmente encontrados e inferíveis no discurso, ou seja, os mais próximos e claros.

Por último, discutimos a diferença entre *ce* e *il/elle*. Sabemos que, segundo a Gramática Tradicional esses dois pronomes são usados em contextos diferentes, como apontado pela autora. *Ce* está ligado a uma função identificacional (e também demonstrativo, como em “C'est bon”- isto é, quando fazemos um comentário), enquanto *il/elle* estão ligados a uma função predicacional. E vimos também que *il/elle* são usados em contextos de informação nova, ou seja, na qual o referente ainda não foi ativado – o contrário de *ce*.

4 ANÁLISE DO *CORPUS* ESCRITO COLETADO

Nesse capítulo, analisaremos algumas das 34 ocorrências de Deslocamento-à-esquerda encontradas no *corpus* escrito que selecionamos. Essas ocorrências foram retiradas de dois livros de literatura francesa: *L'Amant* (1984), de Marguerite Duras, e *Diego et Frida* (1993), de Jean-Marie Gustave Le Clézio. Foram utilizados nesse *corpus* todos os DE presentes nas primeiras 50 (cinquenta) páginas de cada um dos livros, para obtermos alguns dados a título de amostragem. Na tabela abaixo, sintetizamos a distribuição destas ocorrências conforme a forma do elemento deslocado, e a forma e função do elemento anafórico.

Tabela 4 - Análise do *Corpus* Escrito

Anáfora	Lexical		NP Deslocado					
			Pronominal	Infinitivo	Relativa			
Sujeito	15	68.2%	09	100%	01	-	02	-
Objeto Direto	07	31.8%	00	-	-	-	-	-
Total	22		09					
Pron. Pessoal	14	63.7%	09	100%				
Ce	08	31.8%			01	-	02	-
Total	21							

Antes de discutirmos os dados acima sintetizados, acreditamos que seja importante comentar um pouco cada um dos livros utilizados para o levantamento. *L'Amant* tem uma característica muito especial, pois é um livro em que Marguerite Duras desenvolve uma espécie de fluxo de consciência. Longe de querer fazer quaisquer classificações literárias – pois esse trabalho não se propõe de forma alguma a esse tipo de consideração –, eu diria que o leitor tem, nesse romance, uma identificação com a língua, que é relativamente próxima da oral, pois a personagem-narradora conta os fatos como se estivesse num diálogo cotidiano, de uma maneira bastante simples e fluida. Ainda assim, esse romance é considerado um grande livro da literatura francesa contemporânea. *Diego et Frida* é um romance mais próximo da experiência que o leitor médio tem com a língua literária mais típica, ou seja, aquela que envolve aparente elaboração pessoal do autor, em que há recurso a construções e vocabulário que criam algum estranhamento – o que normalmente sinaliza para um tipo de escrita em que o autor procura, conscientemente, se

afastar da língua cotidiana. Tendo em consideração que o DE é um fenômeno predominante na fala, encontramos uma distribuição das ocorrências que pode demonstrar, aproximadamente, este sentimento que opõe ambas as obras no que diz respeito à proximidade com a língua oral cotidiana: tivemos em *L'Amant* 20 ocorrências, enquanto em *Diego et Frida* obtivemos 14 ocorrências – totalizando 34 segmentos analisados.

Ainda nesse sentido, algumas considerações gerais podem ser feitas antes da análise das frases. A primeira delas é o fato de termos, em *Diego et Frida*, a maioria (8 ocorrências) dos DE retomados pelo pronome *ce*, especialmente em sua forma *c'est*. Além disso, nesse mesmo livro, temos 2 ocorrências de DE de frases relativas (as clivadas, as quais já tratamos na página 14), caso que é mencionado por Barnes e que não aparece nenhuma vez no *corpus* de *L'Amant*. Estas observações indicam que o autor de *Diego et Frida* parece exercer um controle mais padronizador, consciente, sobre sua língua, bem como recorre a construções sintáticas mais elaboradas. A segunda consideração que fazemos aqui é sobre o fato de termos, no *corpus* aqui analisado – isto é, tanto em *L'Amant* quanto em *Diego et Frida* – muitas ocorrências em que a anáfora é um pronome átono, ou seja, objeto direto (em francês *complément d'objet direct*), como no exemplo abaixo:

(41) **Ce visage-là**, nouveau, je l'ai gardé (DURAS, 1984, p. 10).

Como se percebe na síntese que apresentamos do trabalho de Barnes (1986), esta autora nem trata desse tipo de caso em seu livro. Embora nosso *corpus* seja pequeno, e nesse primeiro momento considerado apenas como uma pequena amostragem, acreditamos que a ocorrência dessas construções em nosso *corpus* aponta para o fato de que a língua escrita apresenta diferenças em relação à língua oral, mesmo em autores cuja linguagem pode ser considerada próxima ao registro coloquial (caso de Marguerite Duras). No entanto, é importante considerarmos que quando escrevemos colocamos em prática um “filtro” em nossa linguagem, pois sabemos que, na maioria das vezes, a escrita se diferencia da fala.

4.1 DESLOCAMENTOS PRONOMINAIS

Entre as 09 ocorrências que encontramos de NP deslocados pronominais, 3 delas foram com a construção *moi, je...*, como no exemplo abaixo:

- (42) Je pourrais me tromper, croire que je suis belle comme les femmes belles, comme les femmes regardées, parce qu'on me regarde vraiment beaucoup. Mais **moi je** sais que ce n'est pas une question de beauté mais d'autre chose [...] (DURAS, 1984, p. 26).

Em (42) acima, trata-se do uso em que *moi, je* sinaliza que o trecho seguinte tem como "tópico" aquilo que o falante realmente tem para contribuir sobre o assunto. Antes, ela já falava de si própria – portanto, a falante é o “referente tópico” do discurso –, mas considerando uma hipótese (*je pourrais me tromper...*), falando sobre algo em que não acredita realmente, como o trecho seguinte indica. É a partir do trecho que começa com *moi je* que a falante diz aquilo em que realmente acredita – sua contribuição real para o discurso.

Temos em (43) abaixo um outro uso:

- (43) Je vois que ma mère est clairement folle. Je vois que Dô et mon frère ont toujours eu accès à cette folie. Que **moi**, non, **je** ne l'avais jamais encore vue (DURAS, 1984, p. 40).

Neste caso, trata-se claramente da função de *topic shift*: os tópicos anteriores ao “falante”¹⁷ são sua mãe, Dô e seu irmão. Com *moi, je ...*, o referente tópico, de quem se fala no enunciado, passa a ser a própria falante. Nesse exemplo ainda podemos notar que todos referentes tópicos que mencionamos antes são “subtópicos”, dos quais se fala num discurso cujo tópico principal é a loucura da mãe. Além disso, pode-se também observar que é preciso sinalizar um contraste entre Dô e o irmão, de um lado, e de outro a própria falante, porque são referentes que

¹⁷ Optamos por nos referir à personagm-narradora como “falante” embora saibamos que é um uso que se dá na língua escrita.

se relacionam de modo diferente com a loucura da mãe: Dô e o irmão "tiveram acesso" a ela, mas a falante não. Portanto, o DE aqui também tem um elemento de contraste, similar ao que encontramos em usos de topicalização contrastiva, como vimos no capítulo 2.

As outras 6 ocorrências são de pronomes tônicos retomados por um pronome pessoal:

- (44) Un jour, elle n'a plus été à même d'en faire de grandioses pour ses fils, alors elle en a fait d'autres, des avens de bouts de ficelle, mais de la sorte, **eux** aussi, **ils** remplissaient leur fonction, ils bouchaient les temps devant soi (DURAS, 1984, p. 11).
- (45) Tout à coup elle sait, là, à l'instant, elle sait qu'il ne la connaît pas, qu'il ne la connaîtra jamais, qu'il n'a pas les moyens de connaître tant de perversité. Et de faire tant et tant de détours pour l'attraper, **lui il** ne pourra jamais (Ibid., p. 13).

Nesses dois casos, podemos observar que os outros pronomes tônicos também podem exercer uma função parecida com a de *moi je*. É verdade que não são utilizados tão largamente como *moi je*, mas nas frases acima podemos dizer que o uso dos pronomes sinaliza que o falante está trazendo a atenção para os referentes por eles indicados no discurso, ou seja, que se falará destes referentes agora. Em (44), em particular, temos um uso muito claro de DE como um *topic-shifting device*: em que a falante falava de "elle" como referente central do discurso e, a partir do DE, passa a falar de "lui" como o tópico central – ainda que ambos os referentes sejam os referentes de que se trata ao longo de todo o trecho.

4.2 DESLOCAMENTOS LEXICAIS

Como podemos ver na Tabela 4 acima, os deslocamentos de constituintes com núcleos lexicais (substantivos) tiveram grande ocorrência: 22 casos. Fazendo uma comparação com a Tabela 1, temos exatamente o contrário: no *corpus* falado analisado por Barnes (1986), as frases com deslocamentos pronominais foram muito mais numerosas. Portanto, tem-se aqui mais um

indício de diferenças funcionais que provavelmente dizem respeito a especificidades da fala e da escrita: na fala, o discurso menos planejado provavelmente centra-se continuamente num pequeno grupo de referentes bastante salientes – o que faria com que pudessem ser sinalizados por pronomes sem ambigüidade; na escrita, por outro lado, o discurso é mais elaborado, estabelece relações entre um conjunto maior de referentes, caso em que o uso de expressões nominais mais informativas seria necessário para se manter as distinções referenciais claras. A nosso ver, esta é uma explicação possível para a diferença, embora não tenhamos tentado verificar a hipótese.

4.2.1 Retomada no objeto direto

Como já comentado acima, tivemos um grande número de ocorrências em que a anáfora era um objeto direto, como no exemplo abaixo.

- (46) Mes cheveux sont lourds, souples, douloureux, une masse cuivrée qui m'arrive aux reins. On dit souvent que c'est ce que j'ai de plus beau et moi j'entends que ça signifie que je ne suis pas belle. **Ces cheveux remarquables** je les ferai couper à vingt-trois ans à Paris (DURAS, 1984, p. 24).

Entre estes casos, podemos ainda identificar dois tipos diferentes: (i) os dêiticos e (ii) os não-dêiticos. Esse tipo de categorização é relevante porque, segundo já comentado no Capítulo 2 (ver página 18), uma das funções primeiras do DE é apontar para um referente que já foi dado no discurso, mas que por algum motivo deixou de ser tópico; num contexto complexo, em que há outros referentes possíveis, é preciso frequentemente recorrer a um elemento pronominal que *aponte* para o referente correto – que faça uma "mostração indicativa" ou "dêixis", como os pronomes demonstrativos. É este tipo de DE que vemos em (47) e (48) abaixo:

- (47) Entre dix-huit ans et vingt-cinq ans mon visage est parti dans une direction imprévue. À dix-huit ans j'ai vieilli. Il me semble qu'on m'a parlé de cette

poussée du temps qui vous frappe quelquefois [...] Ce vieillissement a été brutal. Je l'ai vu gagner mes traits un à un [...] **Ce visage-là**, je l'ai gardé. Il a été mon visage (DURAS, 1984, p. 10).

- (48) Ma mère est au centre de l'image. Je reconnais bien comme elle se tient mal, comme elle ne sourit pas, comme elle attend que la photo soit finie. [...] Mais c'est à la façon dont nous sommes habillés, nous, ses enfants, comme de malheureux, que je retrouve un certain état dans lequel ma mère tombait parfois [...] **Ce grand découragement à vivre**, ma mère le traversait chaque jour (Ibid., p. 22).

Em (48), podemos observar o uso do dêitico para retomar a idéia de uma frase, como já comentado por Barnes (1986). Segundo a autora, essa é uma característica principalmente do pronome *ça*, mas, como vemos no exemplo acima, isso também pode ocorrer em outros casos. Observemos que *ce grand découragement à vivre* não havia aparecido explicitamente no discurso anterior, mas que de alguma forma era o tópico do discurso subjacente; ou seja, o DE em (47) retoma a idéia da qual se vinha falando, mas que não havia sido referida explicitamente e encontrava-se imersa num discurso que se referia a várias ações e referentes.

- (ii) Já entre os casos de anáfora não-dêitica, ou simples, temos casos como (49) abaixo:

- (49) Frida, elle, n'aura nul besoin de cette maturation. Elle appartient à la génération qui est née avec la Révolution et a grandi avec elle. **Les idées nouvelles**, elle les porte à sa chair, dans ses sentiments (LE CLÉZIO, 1993, p. 48).

Como se vê, não se trata neste caso de retomar um referente ou o tópico do discurso anterior que estivesse subjacente ou competindo com vários outros referentes. Antes, trata-se de trazer a cena um referente que não é central, mas é evocado, pelo contexto precedente; este referente é o tópico da sentença, por oposição ao tópico da sentença imediatamente precedente, *la génération...* Trata-se, portanto, de um uso que envolve *topic-shift*, como frequentemente acontece com DE.

4.2.2 Retomada no sujeito

Entre as 15 ocorrências de anáfora na função de sujeito, 4 são na forma de pronome pessoal *il(s)/ elle(s)*.

- (50) Je regarde le fleuve. Ma mère me dit que jamais quelquefois que jamais, de ma vie entière, je ne reverrai des fleuves aussi beaux que ceux-là [...] Dans la planitude à perte de vue, **ces fleuves, ils** vont vite, ils versent comme si la terre penchait (DURAS, 1984, p. 17).

O uso do pronome pessoal em frases como (50) é bastante discutido por Barnes e Lambrecht (1981, 1984). A questão está em determinar quando se trata apenas de sujeitos simples – ou seja, de NPs não-deslocados – e quando se trata de um uso de DE. Isso parece ser resolvido quando estabelecemos em quais circunstâncias acontece um NP sujeito e não um DE: “os dados sugerem que ou o fato de [o NP] ocorrer em um discurso *backgrounded*¹⁸, ou de não ter o status de tópico do discurso, é suficiente para ocasionar o uso de um sujeito lexical mais do que um DE” (BARNES, 1986, p. 82). Ou seja, como já comentado nos outros capítulos, trata-se de DE quando o referente puder ser encontrado no discurso precedente, ou ao menos quando ele já tiver sido evocado anteriormente. Ainda nesse sentido é importante lembrar que o locutor usa a topicalização para anunciar do que vai falar ou, ainda, para trocar o tópico estabelecido (*topic-shift*) – que é o que acontece em (50) acima.

Com relação a (50), em particular, é de se notar que é caso de retomada de um termo que já foi citado anteriormente mas que foi temporariamente abandonado; DE serve, então, para acioná-lo como tópico novamente, tal como Givón apontou.

Ainda entre os elementos deslocados na função de sujeito, outras 4 ocorrências que encontramos também têm pronomes como elementos anafóricos; no entanto, são pronomes tônicos (*pronomes toniques*), como em

¹⁸ Acreditamos interessante darmos uma olhada no conceito de foregrounding e backgrounding. Foregrounding “é colocar em relevo [trazer para “frente”] uma palavra em relação ao seu background [“pano de fundo”]” (adaptado de Wales, 2001, p. 157).

- (51) **Diego, lui**, reste marqué toute sa vie par l'expérience européenne (LE CLÉZIO, 1993, p. 44).

Podemos observar que na frase (51) acima, o pronome tônico, embora esteja retomando um elemento que está deslocado à esquerda, ele tem um papel muito mais de repetição do que de retomada de idéia. Essa função foi comentada por Grevisse (1969) em sua *Bon Usage*, na qual há um capítulo especial que trata sobre elementos que exercem a função de ênfase em francês. Assim, esses elementos, além de retomarem o elemento deslocado imediatamente à esquerda, também funcionam como “enfanzadores”.

Um terceiro grupo de NP lexicais deslocados são os que são retomados por *c-*. No *corpus* analisado, em todas as sete (07) ocorrências, o pronome *ce* está acompanhado do verbo *être*, formando *c'est*. Além disso, todos os exemplos foram encontrados no livro *Diego et Frida*. Vejamos alguns exemplos:

- (52) **La peinture**, pour Frida, **c'est** sans doute avant tout le moyen de cette rencontre, une autre façon, plus forte, plus douloureuse, plus audacieuse encore, de pousser les portes de l'amphithéâtre [...] (LE CLÉZIO, 1993, p. 28).

- (53) Mais **Paris c'est** aussi l'école de la peinture (LE CLÉZIO, 1993, p. 46).

Nas frases acima, embora sejam registros de língua escrita, vemos exatamente a função que Barnes (1986) identificou no uso desta construção em língua oral: um valor identificacional, que coloca os dois elementos – o retomado por *ce* e o predicativo de *être* – em relação de identificação. Sabemos que *c'est* é, na verdade, exigido em contextos como esse. Em francês, sempre que vamos fazer a identificação de alguma coisa, utilizamos *c'est* em vez de *il/elle est*. Mas, a grande questão para mim é: por que em contextos como os acima não temos simplesmente um sujeito + verbo? Por que fazemos uso de sujeito + *c'est*, recorrendo a uma construção de DE? Como já vimos no Capítulo 3, Grevisse (1969) comenta em sua *Bon Usage* que esse tipo de construção já é praticamente incorporada em francês.

Outras ocorrências de DE com *ce* retomam frases relativas (*ce que...*, *ce qui...*):

- (54) Ce qui frappe tous ceux qui le rencontrent, c'est ce mélange, l'aspect terrifiant du géant et la douceur du visage [...] (LE CLÉZIO, 1993, p. 31).

Os casos de frase relativas retomadas por *c'est* são também mencionados por Grevisse (1969) como quase-obrigatórias, ou seja, nestes casos o elemento deslocado à esquerda *deve* ser retomado por *c'est*. Esse tipo de frase não foi encontrado no livro *L'Amant* nem é mencionado por Barnes. Acreditamos que isso acontece por causa do estilo de escrita de Le Clézio, que, ao menos nesse livro, faz um uso acentuado de frases clivadas e semi-clivadas.¹⁹ Construções de clivagem envolvem uma estrutura de subordinação e são, portanto, construções complexas – possivelmente, mais características de um discurso mais planejado, mais formal – como a escrita padrão e literária –, do que de um discurso menos planejado, menos formal – como a fala cotidiana. Como vimos antes, há outros indícios de que Le Clézio busca uma linguagem mais elaborada, menos próxima à fala – contrariamente às necessidades do fluxo de consciência em *L'Amant*.

Em (55) abaixo temos um caso peculiar, que não é mencionado por Barnes (1986) em sua análise dos dados de fala e que foi encontrado apenas uma vez em nosso *corpus*: o deslocamento à esquerda de um infinitivo.

- (55) **Écrire**, maintenant, il semblerait que **ce** ne soit plus rien bien souvent (DURAS, 1984, p. 14).

Eu diria que o infinitivo, no exemplo acima, funciona como um substantivo – mesmo não tendo um artigo para caracterizá-lo como tal: ele denomina o ato de escrever. Possivelmente, é construção não tão comum no discurso oral porque, em geral, no discurso cotidiano tendemos a fazer pronominalizações.

¹⁹ Casos como (i) e (ii) abaixo, que não envolvem DE, apresentam o mesmo tipo de “ênfase” ou “contraste” que vemos em (54):

- (i) Pour lui, l'Indienne Antonia aura été l'un des personnages clés de son enfance. C'est elle qui l'initie au monde indien (LE CLÉZIO, 1993, p. 34).
 (ii) C'est lui qui m'a révélé la beauté inhérente au peuple mexicain (LE CLÉZIO, 1993, p. 39).

Esse tipo de construção é conhecido como clivagem. Para maiores informações sobre a frase clivada “canônica”, ver página 8.

Em resumo, nossos dados mostram fatos que confirmam as observações de Barnes (1986) com relação a seu *corpus* de língua falada, mas também fizemos observações que indicam diferenças entre as estruturas de DE usadas na língua falada e na língua escrita.

Em comum com os resultados de Barnes, ressaltamos a presença significativa da construção *moi, je...* (assim como de outros pronomes, como *eux, ils* etc), bem como o grande número de ocorrências do pronome *c-* (*c'est*) em elemento anafórico das construções de DE.

Por outro lado, encontramos várias ocorrências em que o elemento anafóra era um objeto direto, fato não observado por Barnes (1986). Além disso, encontramos também alguns casos de frases clivadas como o elemento deslocado na construção – novamente, algo não apontado nos dados de Barnes. Por último, ressaltamos o fato de não termos encontrado nenhuma ocorrência de *ça*, o que acreditamos ser uma prova da oralidade desse pronome, usado largamente em discursos não planejados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta monografia, apresentamos algumas das propriedades discursivas de ocorrências de deslocamento-à-esquerda em francês escrito em comparação com francês falado (a partir do *corpus* coletado por Betsy Barnes(1986)). É fato que o DE é um processo majoritariamente presente na fala, mas vimos aqui que ele também ocorre na língua escrita – ao menos, na prosa de ficção literária. Vimos, no terceiro capítulo, que esse processo é comentado nas gramáticas francesas, que o consideram principalmente como uma construção cuja função é de “dar ênfase” a algum elemento da frase. No entanto, como enfatizamos durante este trabalho, o estudo funcional da sintaxe revela funções mais específicas para o uso do DE: esta construção é utilizada em nosso discurso não apenas para enfatizar alguma idéia, mas principalmente para retomar referentes evocados, que ficaram um tempo sem serem acionados no discurso – ou seja, trocar de “cadeia tópica”, como observou Givón.

Ainda nesse sentido, acreditamos ser importante ressaltar porque o DE acontece principalmente na fala: quando um falante produz um discurso oralmente, ele o faz sem planejamento, “on line”, tomando as decisões simultaneamente à produção dos enunciados. É um discurso muito menos planejado do que o discurso escrito. Por isso, muitas vezes, esse falante sente necessidade de explicitar, enfatizar e ativar algum elemento ou referente para que fique mais claro sobre o que ele está falando, ao que ele está se referindo. Na escrita, a situação muda um pouco, pois temos a chance de planejar o que vamos escrever e podemos, inclusive, “re-visitá-lo” o texto, mudar o que já escrevemos antes, articulando melhor os elementos, de maneira que o discurso tende a ter mais organização e mais clareza. Como não temos esse recurso na fala, o falante faz uso de várias construções para tornar seu discurso mais fácil de ser entendido, entre as quais está a topicalização e o DE.

No entanto, como vimos no último capítulo desse trabalho, o DE também é utilizado na língua escrita francesa, ao menos na prosa literária. E, neste tipo de texto, exerce basicamente a mesma função que exerce na fala, isto é, contribui para a organização dos referentes do discurso. Verificamos, por outro lado, que nem todas as ocorrências de DE que encontramos na fala são também encontradas na escrita. Para citar o caso mais saliente, mencionemos o caso de “*Ça c’est...*”, citado por Barnes como um DE de larga ocorrência no seu *corpus* de língua falada. De

fato, parece confirmar o caráter de informalidade carregado por *ça* o fato de a única ocorrência de *ça c'est* que encontramos em nosso *corpus* ser se manifestado num diálogo entre personagens, e não no corpo da narrativa. Isto é, a construção ocorre exatamente onde o texto literário representava a fala por meio de discurso direto.

Há outras diferenças. Construções de DE em que a anáfora é um *complément d'objet direct*, por exemplo, não foram nem discutidas por Barnes (1986), pelo fato de não terem um número de ocorrências muito significativo em se *corpus* de fala. Em nosso *corpus* de língua escrita, por outro lado, este tipo de estrutura apareceu várias vezes.

Vimos também que *moi, je* aparece significativamente em nosso *corpus*. Mas todas as suas ocorrências encontram-se no livro de Duras (1984). Acreditamos que, para compreender este fato, é preciso levar em consideração o tipo de escrita utilizado por Duras nesse livro, a qual se aproxima da língua oral. Embora essa construção tenha aparecido no *corpus* escrito, acreditamos que ela mais característica da fala, especialmente se considerarmos sua função maior de trazer ao discurso alguma apreciação pessoal do falante – fato não recorrente na língua escrita mais “neutra”, como em narrativas de 3a. pessoa, nas quais o narrador não participa como personagem e, por isso, não sinaliza sua presença. No entanto, construções semelhantes à *moi je*, como *lui il, eux ils*, aparecem na escrita exercendo uma função bastante comentada pelos gramáticos – a de “ênfase”. Assim, se *moi je* é usado prioritariamente, em diálogos, como uma “troca de turno” (*turn-taking device*) bem como uma “mudança de tópico” (*topic-shifting device*), as construções do mesmo gênero, mas com outros pronomes, têm a função de recolocar em evidência, de reativar, um referente – portanto, são *topic-shifting devices*.

Finalmente, como Grevisse (1969, 2008) já havia previsto em sua *Bon Usage*, a ocorrência que se repetiu várias vezes, tanto no *corpus* de Barnes (1986) quanto no nosso *corpus*, foi “*NP...c'est*”. Atribuímos esse fato principalmente à significação e à função desse pronome. Trata-se de um pronome neutro e, como observamos, muitas vezes serve apenas de ligação entre um termo e outro da frase. Estamos, então, de acordo com Grevisse (1969, 2008) quando ele diz que essas estruturas já estão em processo de incorporação à gramática *standard*, ou seja, de serem aceitas naturalmente na língua escrita.

Acreditamos que nosso trabalho oferece um bom conjunto de observações iniciais sobre semelhanças e diferenças no uso do DE em francês oral e escrito das últimas décadas. Talvez, uma ampliação do *corpus* nos permitisse verificar outras relações entre os usos nas duas

variedades do francês. E, certamente, parece-nos claro que as diferenças encontradas indicam que um estudo mais aprofundado das funções discursivas do DE e de outras construções similares pode levar a uma melhor compreensão das razões comunicativas pelas quais as línguas – como o francês – desenvolvem uma variedade de padrões sintáticos de sentenças.

REFERÊNCIAS

BARNES, B. *The Pragmatics of Left Detachment in Spoken Standard French*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1986.

CHARAUDEAU, P. *Grammaire du Sens et de l'Expression*. Paris : Hachette Éducation, 1922.

DURAS, M. *L'Amant*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984.

GIVÓN, T. The grammar of referential coherence as mental processing instructions. *Linguistics*, Berlin , v. 30, n. 1, p. 5-56, 1992.

_____. *English Grammar: A Function-based Introduction*. Amsterdã: John Benjamins, 1993. 2 v.

GREVISSE, M. *Le Bon Usage*. 9 ed. Bruxelles: Boeck et Larcier Ltda., 1969.

_____. _____. 14 ed. Bruxelles: Boeck et Larcier Ltda, 2008.

LAMBRECHT, K. *Topic, Antitopic and Verb Agreement in Non-Standard French*. Amsterdam: John Benjamins, 1981.

LE CLÉZIO, J.M.G. *Diego et Frida*. Paris: Éditions Stock, 1993. (Collection Folio).

MENUZZI, S. M.; RODRIGUES, G. R. *Tópicos Contrastivos e Contraste Temático: Um Estudo do Papel Discursivo da Articulação Informacional*. Cadernos de Estudos Lingüísticos (UNICAMP), v. 52, p. 233-253, 2010.

PONTES, E. *Sujeito: da Sintaxe ao Discurso*. São Paulo: Ática, 1986.

RIEGEL, M. *Grammaire méthodique du français*. 5 ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

ROISENBERG, G.R. *Estruturas Marcadas no Português Brasileiro: Deslocamento-à-esquerda e Topicalização Contrastiva*. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2007.

WALES, K. *Dictionary of stylistics*. 2 ed. Harlow: Pearson Education Ltd., 2001.

WEINRICH, H. *Grammaire Textuelle du Français*. Paris: Didier/Hatier, 1989.

REFERÊNCIAS DE APOIO

DOOLEY, R.; LEVINSOHN, S. *Análise do Discurso: Conceitos Básicos em Lingüística*. Tradução de Ruth Julieta da Silva e John White. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

LAMBRECHT, K. On the Formal and Functional Relationship between Topics and Vocatives Evidence from French. In: GOLDBERG, A (Org.). *Conceptual Structure, Discourse, and Language*. Stanford: CSLI Publications, 1996. p. 267-288.

_____. Dislocation. In: HASPELMATH, M. et al. (Orgs.). *Language Typology and Language Universals: An International Handbook*. 2 v. Berlin: Walter de Gruyter, 2001. p. 1050-1078.

PEZATTI, E.G. O funcionalismo em lingüística. In: MUSSALIM, F. e BENTES, A.C. (Orgs.), *Introdução à Lingüística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004. 3 v. p. 165-177.

PONTES, E. *O Tópico no Português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.